

# UMA GRAMÁTICA DO SÉCULO XXI

Marli Quadros Leite\*

**Resumo:** Com base em pressupostos próprios ao estudo da história das *ideias linguísticas*, examina-se neste artigo a *Gramática da língua portuguesa*: gramática da palavra, gramática da frase, gramática do texto/discurso, de Vilela e Koch (2001), tratando-a como um objeto cultural, resultante de uma história que a condiciona e permite sua interpretação. O estudo está dividido em três partes: na primeira, situa-se o objeto em seu *horizonte de retrospectão*, para encontrar as causas que o condicionaram e para explicar a presença de teorias do texto e do discurso na gramática; na segunda, apresenta-se a obra em questão; na terceira, trata-se da presença e do papel, da Linguística Textual e da Análise da Conversação no contexto da obra.

**Palavras-chave:** Gramática. História das ideias linguísticas. Gramatização.

## CONSIDERAÇÕES INICIAIS

■ **E**m 2001, Mario Vilela e Ingedore Koch publicaram a *Gramática da língua portuguesa*: gramática da palavra, gramática da frase, gramática do texto/discurso, uma obra que marcou definitivamente o cenário luso-brasileiro dos estudos linguístico-gramaticais do século XXI, conforme procuraremos mostrar neste estudo.

Mario Vilela é linguista português, professor catedrático, já aposentado, da Universidade do Porto, que hoje atua como convidado em universidades alemãs, brasileiras e espanholas. Sua produção científica é vasta, em torno de 19 obras<sup>1</sup> e inúmeros artigos em revistas científicas. A atuação do linguista português dá-se em várias áreas das ciências da linguagem, como na filologia românica, na terminologia, no léxico, na lexicografia e, especialmente, na gramática, pela qual

\* Professora livre-docente no Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas e no Programa de Pós-Graduação em Filologia e Língua Portuguesa da Universidade de São Paulo (USP) – São Paulo – SP – Brasil. Pesquisadora PQ/CNPQ. E-mail: mqleite@usp.br

<sup>1</sup> Segundo a Base Nacional de Dados Bibliográficos (Porbase), disponível em: <<http://porbase.bnportugal.pt/ipac20/ipac.jsp?session=1333554C91U94.348546&menu=search&aspect=subtab11&npp=20&ipp=20&spp=20&profile=porbase&ri=&term=Vilela%2C+m%C3%A1rio&index=.GW&aspect=subtab11#focus>>, acesso em: 4 abr. 2012.

se tornou ícone nas ciências da linguagem, por seu trabalho com a teoria das valências. Coube, portanto, a Vilela as duas “partes gramaticais” da obra, a que trata da “palavra” e a que trata da “frase”.

Ingedore Koch é uma linguista brasileira reconhecida nacional e internacionalmente e que traz uma bagagem extraordinária de obras, livros e artigos científicos, nas áreas de Linguística Textual e Análise do Discurso. Foi uma das principais difusoras da Linguística Textual no Brasil, tendo, inclusive, fundado a área de linguística de texto no Instituto de Estudos da Linguagem (IEL), na Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Além disso, não é exagero dizer que suas obras constam da bibliografia de cursos de Letras Brasil afora, sendo referência obrigatória na área. O trabalho de Koch perpassa, portanto, o tratamento do texto e do discurso, ficando-lhe, por tal razão, na obra em tela, a responsabilidade sobre o capítulo final, cujo título é “gramática do texto”.

Como está declarado no prefácio (VILELA; KOCH, 2001, p. 7) da *Gramática* referida, Koch e Vilela encontraram-se, no Brasil, no ano 2000, e resolveram “juntar experiências” para organizar uma obra inédita, pela criação de uma “gramática de corpo inteiro”, na qual propunham reunir teorias da linguagem para tratar da palavra, da frase e do texto/discurso e, assim, oferecer ao estudioso da linguagem um panorama teórico completo pelo qual se poderia analisar e compreender o funcionamento da linguagem. Essa obra do começo do novo século constitui um marco no cenário dos estudos linguísticos, por abrir a fronteira do *instrumento linguístico* (AUROUX, 1998), denominado “gramática”, para o texto e para o discurso.

Outras obras, em outros tempos, foram igualmente importantes por carregarem para dentro de si opções teóricas renovadoras para a explicação da linguagem, esse é um fato regular na história das ciências da linguagem. Em todos os casos, todavia, a obra que puxa para si a responsabilidade da renovação do conhecimento torna-se relevante não somente do ponto de vista teórico e metodológico, mas também histórico. É dessa obra que vamos tratar neste estudo, especialmente para analisar a importância da presença das teorias do texto (Linguística Textual) e do discurso (Análise da Conversação) na composição da obra gramatical.

Com base em pressupostos próprios ao estudo da história das *ideias linguísticas* (cf. COLOMBAT; FOURNIER; PUECH, 2010), adotamos a *Gramática da língua portuguesa*: gramática da palavra, gramática da frase, gramática do texto/discurso como nosso objeto de estudo, para analisá-la como um objeto cultural, resultante de uma história que tanto a condiciona quanto permite sua interpretação.

Este estudo está dividido em três partes: na primeira, situaremos nosso objeto em seu *horizonte de retrospectão* (cf. PUECH, 2006; AUROUX, 2007) para encontrar as causas que o condicionaram, para explicar a incorporação nele contida das teorias do texto e do discurso; na segunda, apresentamos um panorama da obra de Vilela e Koch; na terceira, trataremos, especificamente, da presença, e do papel, da Linguística Textual e da Análise da Conversação, levadas avante na obra por Ingedore Koch à obra.

## **A GRAMÁTICA, UM OBJETO CULTURAL**

Estudar um objeto para explorá-lo do ponto de vista da história das ideias significa não apenas descrever a sua materialidade e tratar de sua funcionalidade

de, ou de sua importância sócio-histórica para um dado tempo. Significa, sobretudo, buscar entender e explicar como as ideias que o conformam se inscrevem no horizonte de conhecimento, e pesquisar o que as condicionaram e que repercussão têm, ou tiveram, em seu domínio científico. Nas palavras de Auroux (2007, p. 158, tradução nossa), “o trabalho do historiador é o de explicar por que X é construído como ele o é, e o de verificar se há (ou não) uma linha causal entre Y e B”. Investigar a causalidade do conhecimento, ou da mudança teórica que ocorre ao longo de grandes períodos de tempo é, pois, ofício do historiador das ciências.

Conforme explicam Colombat, Fournier e Puech (2010, p. 15), a tarefa do historiador é, sobretudo, a de investigar e explicar a construção do conhecimento, as estratégias e procedimentos que levaram à sua formação. Isso equivale, dizem os autores, à implementação de dois projetos:

1. a descrição das formas sob as quais os diferentes estados de conhecimento foram representados;
2. a descrição da mudança teórica, i.e., do fato de se passar historicamente de um estado de conhecimento a outro. É igualmente legítimo esperar do historiador que ele ultrapasse a simples descrição da mudança e que proponha uma análise das causalidades da mudança.

A tarefa que vamos empreender neste trabalho é a de, pelo menos, tentar interpretar o sentido histórico da obra em questão, partindo do princípio que ela propõe que é o de introduzir uma mudança teórica, e metodológica, na interpretação dos fatos gramaticais, adotando e modificando, ao mesmo tempo, o modelo teórico-metodológico da gramática que se construiu ao longo do tempo sobre o modelo grego-latino. Sobre a parte gramatical, propriamente dita, ou seja, a que diz respeito à gramática da palavra e da frase, faremos somente rápidas referências, dado o fato de nosso objetivo ser o de tratar da inserção da Linguística Textual e da Análise da Conversação nesse instrumento linguístico.

Vale lembrar, de início, que o instrumento empírico “gramática”, tal como o conhecemos desde a tradição greco-latina, é um objeto técnico, cultural, que se vai modificando ao longo da história, embora tenha mantido uma estrutura que permite seu reconhecimento como tal. Essa estrutura à qual nos referimos e que torna a gramática reconhecível, desde seu surgimento no mundo grego, no século II a.C., engloba, necessariamente, a descrição das categorias e subcategorias linguísticas (as partes do discurso, ou classes de palavras), as regras e os exemplos que as caracterizam. Observa-se, todavia, que, no decurso da história, a apresentação e descrição das categorias linguísticas foram modificadas, por acréscimo, diminuição, ou hierarquia de categorias, por alteração da ordem de exposição ou de definição (cf. COLOMBAT; FOURNIER; PUECH, 2010, p. 101). Não obstante, esse modelo teórico, que serviu para gramatizar as línguas modernas ocidentais, permanece estável<sup>2</sup> e, ainda hoje, produtivo.

Como objeto cultural, a gramática, mesmo mantendo a estrutura original, que constitui seu *modelo*, “reflete e refrata” o conhecimento de seu tempo. Para compreendê-la, portanto, é preciso situá-la em seu *horizonte de retrospectão* (AUROUX, 1987, 2007), a fim de verificar os conhecimentos antecedentes que a condicionaram, ou, em outras palavras, para encontrar as causas de sua emergência com aquele discurso e não com outro. Um horizonte de retrospectão

2 Não sem significativas modificações a cada tempo.

[...] *pode ser estruturado de diversas maneiras indistintas como conhecimentos comuns. Mas eles podem também ser indexados, com os autores e também as datas. A existência dos horizontes de retrospectão testemunha que o conhecimento tem necessariamente relação com o tempo: não há conhecimento instantâneo, o que não significa que o objeto do conhecimento ou seu valor sejam temporais, como sustenta o relativismo. Isso significa que é preciso de tempo para saber* (AUROUX, 2007, p. 161).

O que vamos fazer para estudar nosso objeto é, pois, situá-lo em seu *horizonte de retrospectão* para explicar como ele é a consequência da produção do conhecimento linguístico de “longa duração”, pela análise de referências, indexadas. Desse modo, visamos conseguir explicar a causa da presença das teorias do texto/discurso, em especial da Linguística Textual e da Análise do Discurso.

## A GRAMÁTICA DA LÍNGUA PORTUGUESA: UM MODELO PARA O SÉCULO XXI?

Vilela e Koch foram econômicos nas explicações sobre o fazer da gramática renovadora que ofereceram ao público no início do século XXI. Ao leitor da obra cabe a tarefa de identificar, pelo discurso, pelo conteúdo da obra e pelo conhecimento dos papéis que ambos desempenham no cenário dos estudos linguísticos, o tema que coube a cada um desenvolver.

A gramática é constituída de quatro partes: a primeira, a “fundamentação da noção ‘gramática’”, não é considerada pelos autores como um dos capítulos da gramática, *stricto sensu*, tanto que representa a parte “zero” da obra, e constitui, verdadeiramente, a explicação do ponto de partida teórico para edificação do trabalho. Esse capítulo pode ter sido escrito a quatro mãos e a duas vozes, embora a presença da voz do gramático seja aí muito mais forte. Nessa fundamentação, como restará explicado em pormenores mais adiante, os autores manifestam a intenção de construir uma gramática que, teoricamente, explique, partindo do raciocínio dedutivo, o funcionamento da linguagem humana, da menor unidade provida de significado lexical, a palavra, passando por unidades maiores, o sintagma e a frase, até alcançar o todo que é o texto/discurso. Assim, dizem que se situam nos seguintes planos: morfemático; lexical ou lexemático; sintático, textual; discursivo (VILELA; KOCH, 2001, p. 20).

Pelo que se infere, então, a Mário Vilela, o linguista-gramático, coube desenvolver as partes tradicionais que compõem um instrumento linguístico denominado, estritamente, gramática: o capítulo 1, “Gramática da palavra, objeto da morfologia”<sup>3</sup>, e o capítulo 2, “Gramática da frase, objeto da sintaxe”<sup>4</sup>. A Ingedore Koch, que é linguista, analista do texto e do discurso, coube a inserção do capítulo 3, de modo lato denominado *gramática do texto*, cujo objetivo é

[...] *descrever e explicar a interação humana por meio da linguagem verbal, a capacidade que tem o ser humano de interagir socialmente por meio de uma língua, das mais diversas formas e com os mais diversos propósitos e resultados* (VILELA; KOCH, 2001, p. 412).

3 “Tradicionalmente morfologia e sintaxe são tidas como núcleo duro da gramática. Não vamos entrar na discussão teórica da justeza ou injusteza desta ou de outras noções de *gramática*. Aliás, já deixamos delineado o modelo de gramática que aqui vamos propor: trata-se de um conceito amplo de gramática. Consideramos como objeto da *morfologia* o estudo das categorias gramaticais, a sua divisão e respectivas propriedades gramaticais como paradigmas (estudo do sistema de formas das categorias flexionais)” (VILELA; KOCH, 2001, p. 56).

4 “A sintaxe ocupa-se assim da construção do discurso linearizado como ele surge no processo de comunicação, compreendendo a frase – a unidade básica do processo –, o grupo de palavras e os respectivos meios formais que servem para construir a frase e o grupo de palavras” (VILELA; KOCH, 2001, p. 285-286).

Os autores edificaram a obra sobre o alicerce do modelo greco-latino, no que respeita tanto ao método, dedutivo, do “menor para o maior”, como diziam os gramáticos antigos, já que partiram da palavra, passando pela frase, para chegar ao texto. Sobre esse modelo teórico, sobrepõem-se outros, claramente presentes no discurso do(s) autor(es)<sup>5</sup>, de acordo com a seguinte distribuição: teoria estruturalista, realizada, principalmente, pelo modelo da “gramática de valências”, mas também pelo modelo distribucionalista.

O terceiro capítulo, que trata do texto/discurso, é, digamos assim, a novidade introduzida ao antigo modelo. A gramática grega não trazia, como a latina trouxe, um capítulo dedicado à retórica e a estilística normativa (LEITE, 2007, p. 67), que tinha o objetivo de tratar de vícios e de figuras linguagem. A introdução de teorias do texto/discurso em *instrumentos linguísticos* construídos segundo o modelo teórico greco-latino, pelo menos no universo luso-brasileiro, é inovação da obra que ora examinamos<sup>6</sup>.

Os autores, muito conscientemente, reconhecem, nas “palavras prévias”, o atravessamento das vozes de outros que já “fizeram gramática” ao longo de toda a história de (re)construção desse *instrumento linguístico*. Dizem eles:

*Isto é, se na primeira parte, nos detemos nas palavras, suas formas, seus conteúdos e classificações; se na segunda parte, nos ficamos pelas estruturas frásicas e proposicionais como construções abstratas e modelos a aplicar em instâncias enunciativas; na terceira parte, prendemo-nos a formas mais ou menos reais de concretização da língua em atos comunicativos concretos. Queiramos ou não, quem se propõe fazer uma gramática – todos somos de alguma forma “homines grammatici” – tem de necessariamente percorrer “caminhos já andados”, por nós, servindo-nos de experiências estranhas. A tradição gramatical é já muito longa. Essa experiência – nossa e de outrem – está patente ao longo do nosso livro (VILELA; KOCH, 2001, p. 6-7).*

Os rastros, portanto, de teorias passadas de que se servem os autores estão aparentes em cada página. Na parte gramatical, destacamos a assunção do modelo teórico greco-latino, presente de diversos modos, como na organização da obra, já comentado, na opção por tratar as palavras pela classificação tradicional, embora não pela ordem da tradição, já que o(s) autor(es) parte(em) do *verbo* e dele para as demais classes: *substantivo* e *artigo* (em um só capítulo), *pronomes*, *adjetivos*, *numerais*, *advérbios*, *preposições*, *conjunções*. A coincidência da lista dessa gramática com a da tradição é interrompida nesse ponto, porque o(s) autor(es) introduz(em), depois da conjunção, em itens distintos, as *partículas* e *partículas modais* e os *marcadores de coerência/coesão discursiva*. Em seguida, vêm as *interjeições* e outros *marcadores de expressividade*.

A gramática é assumidamente estruturalista, o que fica patente na nomenclatura empregada para descrever a língua (por exemplo, sistema, semema, sema, fonema, morfema, lexema, campos lexicais), no ponto de partida, muitas vezes bilateral/binário para proceder à análise (por exemplo, pela forma e pelo conteú-

5 Quando, supostamente, o capítulo é de autoria de apenas um dos autores, convencionamos registrar a referência plural ao(s) autor(es) entre parênteses, como nesse exemplo.

6 No campo da gramaticografia brasileira, Azeredo (2008), em obra que perpassa uma gama de teorias da linguagem, mantém um capítulo, o quarto da segunda parte da obra, dedicado ao discurso e ao texto, cujo título é “Linguagem, discurso e texto”. As mais importantes gramáticas de referência do português, publicadas após a explosão do estruturalismo, que são a *Moderna gramática brasileira* (BECHARA, 1999) e a *Nova gramática do português contemporâneo* (CUNHA; CINTRA, 1985), não tratam de texto e discurso.

do) e na assunção consciente dos critérios adotados para a definição das categorias gramaticais (partes do discurso). Nesse aspecto, há uma revisão da utilização tradicional e moderna desses critérios, quando o(s) autor(es) diz(em) que as

*[...] categorias da gramática tradicional (verbo, substantivo, adjetivo, advérbio, pronomes, artigo, numeral, preposição, conjunção e interjeição) surgiram em obediência a critérios formais e semânticos, mas em que o semântico, o sintático e o formal se entrecruzam de modo inconsequente. Há designações gramaticais ao lado de designações comunicativas (VILELA; KOCH, 2001, p. 61).*

Na sequência, há uma crítica, também, a autores que sobrelevaram um dos critérios, por exemplo o sintático, e desprezaram o semântico, para concluir que a saída coerente é a combinação dos três critérios, sintático, formal e semântico. A opção do(s) autor(es), contudo, recai na ordem da exploração dos critérios para a definição da categoria: o ponto de partida é o sintático, seguido do formal, complementados pelo semântico. Assim, exemplifica(m) o uso dos critérios, definindo algumas categorias, por exemplo, o “verbo: palavra declarativa, predicado da frase, conjugável; designa estados de coisas (estados, processos e ações)” (VILELA; KOCH, 2001, p. 63).

Depois de tal reflexão, o(s) autor(es) volta(m)-se à reflexão do método tradicional, dizendo, contrariamente ao antes criticado:

*O método greco-latino tem-se mostrado funcional e pedagogicamente correto. O uso de diferentes critérios – em exclusivo ou em complementaridade – é linguística e cientificamente correto. Não é possível uma explicação e classificação completa só com um dos critérios. Para efeitos pedagógicos, o ponto de partida semântico parece ser o mais proveitoso, uma vez que os níveis comunicativos são, numa primeira abordagem, de difícil acesso (VILELA; KOCH, 2001, p. 64).*

É, todavia, na *teoria das valências*, de base estruturalista, que a parte da descrição gramatical se sustenta. O(s) autor(es) explica(m) que a *valência* “é a capacidade de as palavras estabelecerem, com base no seu significado léxico, determinadas relações com outras palavras” (VILELA; KOCH, 2001, p. 36). O que se observa em todo o texto, no entanto, não é a aplicação cega dessa ou de outra teoria. Ao que parece, sobre um discurso gramatical antes tecido, os autores, com base em novos estudos, experiências e observações, foram introduzindo, em pontos fulcrais, considerações que cobririam o tratamento da linguagem sob o ponto de vista da comunicação, do texto e do discurso.

É assim que, após a explicação e exemplificação de uma análise baseada na teoria das valências, sobre o “significado e valência dos autosssemânticos” (VILELA; KOCH, 2001, p. 36), há uma observação sobre a importância de a análise voltar-se à orientação comunicativa, pois é essa que comanda a produção da linguagem, fazendo desaparecer qualquer restrição gramatical e estilística, prevista nas teorias. Com base nesse princípio, o(s) autor(es) pontua(m) o texto da descrição gramatical com esparsas considerações sobre pragmática, texto e discurso.

Exceção se faz sobre a inclusão do subitem 1.10, antes já citado, que diz respeito ao estudo dos “marcadores da coerência/coesão discursiva” (VILELA; KOCH, 2001, p. 271-275). Poder-se-ia falar que, também, o subitem 1.9, “partículas modais”, integra essa exceção, mas o tratamento dado a tal matéria é vacilante, entre o enquadramento gramatical e o discursivo, sendo mais pendente para o primeiro.

A introdução dos “marcadores da coerência/coesão discursiva” era, ainda, tão estranho ao corpo gramatical que o discurso dos autores começa assim:

A inclusão deste item na Gramática da Palavra não constitui um equívoco: *pretendemos fazer um levantamento das unidades da língua, daquelas unidades que a gramática disponibiliza para construir frases e enunciados. Por outro lado, apresentaremos os ajustamentos teóricos enquadradores de certas noções que aqui são apenas pressupostas.*

*As gramáticas escolares (e universitárias) de língua portuguesa têm demorado em trazer para as suas páginas elementos já há muito descodificados pela investigação linguística. Esses elementos tanto poderiam ter o nome de marcadores do discurso, como de marcadores de relações discursivas, ordenadores da “matéria” discursiva, ou outros como locuções conjuntivas ou conjunções discursivas, etc. (VILELA; KOCH, 2001, p. 271-272, grifo nosso).*

Esse é o ponto em que se vê uma integração mais efetiva da gramática do texto/discurso com a gramática da palavra. Aqui, o casamento da gramática com o discurso aparece quando os autores dizem que alguns advérbios e locuções adverbiais têm a função de “balizar o discurso”, exercendo funções que ultrapassam as previstas na gramática, como as conversacionais, de tomada de turno, ou outras predominantemente comunicativas. A exploração do tema, entretanto, não vai muito longe nesse ponto, mas é retomada, em outros termos, na terceira parte da obra, dedicada ao texto/discurso.

Quanto à gramática da frase, esperávamos maior preocupação dos autores com aspectos do texto/discurso. A sintaxe está para a gramática da frase como a morfologia está para a palavra e, por tal razão, o primeiro ponto do texto é o enquadramento da frase como objeto da sintaxe, embora o(s) autor(es) afirmem(m) que “não incluímos em ‘sintaxe’ a morfologia e não consideramos como seu objeto único e exclusivo a ‘frase’” (VILELA; KOCH, 2001, p. 285).

A reflexão continua com a pergunta sobre quais seriam, então, as unidades da sintaxe: os sintagmas? as frases? os textos? O texto e o discurso são logo descartados, pois serão estudados em capítulo à parte, mas há o reconhecimento de que a frase sempre está encaixada no (con)texto. A conclusão é, então, a de que a sintaxe

*[...] ocupa-se assim da construção do discurso linearizado como ele surge no processo de comunicação, compreendendo a frase – a unidade básica do processo –, o grupo de palavras e os respectivos meios formais que servem para construir a frase e o grupo de palavras (VILELA; KOCH, 2001, p. 286).*

A frase é nos estudos linguísticos um ponto nodal de discussão, pois constitui uma encruzilhada entre a palavra e o texto, daí a dificuldade para defini-la e delimitar seu papel tanto para a gramática quanto para o texto<sup>7</sup>. Exatamente por isso, vemos que, na obra, embora os autores tenham declarado posição quanto ao papel da frase, o capítulo está pontuado de observações sobre aspectos que mostram a relação latente da frase com o texto/discurso.

7 “FRASE – Unidade de comunicação linguística, caracterizada, como tal, do ponto de vista comunicativo – por ter um propósito definido e ser suficiente para defini-lo – e do ponto de vista fonético – por uma entoação, que lhe assinala nitidamente o começo e o fim. É assim a divisão elementar do discurso, mas pertence à estrutura linguística por obedecer a padrões sintáticos vigentes na língua, no seu sentido de sistema por que se pauta o discurso” (CAMARA JUNIOR, 1986). “A gramática moderna, mais do que definir a frase, prefere dizer o que ‘constitui as frases’, ou dar a lista dos traços que encontramos em tudo o que é considerado ‘frase’. Nesta perspectiva, uma frase é um enunciado cujos constituintes devem assumir uma função e que, na fala, deve ser acompanhada de uma entoação” (DUBOIS et al., 1986).

Ainda para tentar separar a frase do texto/discurso e, assim, poder(em) dar a ela um tratamento mais sintático, mais gramatical, o(s) autor(es) opta(m) por estabelecer uma diferença entre frase e enunciado. Em outras palavras, explica(m) que a frase imanente é a contraparte gramatical do enunciado e pertence ao sistema da língua; a frase concretizada pela fala no discurso deixa de pertencer ao sistema da língua, pois se transforma em enunciado, que é “a unidade de comunicação”, e constitui um “fato do discurso” (VILELA; KOCH, 2001, p. 297)<sup>8</sup>. Isso, contudo, não leva o(s) autor(es) a um tratamento textual/discursivo da frase.

Não obstante, os autores conseguem, de certo modo, estabelecer um elo entre a frase e o texto/discurso. Sob tal perspectiva, os autores ultrapassam o estudo isolado da expressividade da entonação, da ordem dos elementos e dos meios lexicais para alcançar o resultado do conjunto de todos os elementos segmentais e suprasegmentais, em benefício da comunicação<sup>9</sup>. Esse é um dos pontos da obra em que se observa a preocupação dos autores de encaixá-la no estado de arte atual de desenvolvimento das ciências da linguagem, daí a seguinte afirmação:

*O interesse dos linguistas centra-se atualmente no ato comunicativo, e daí a preocupação normal com a função, com os efeitos e a semântica das unidades autônomas do discurso: as frases e o texto. Foi nesse aspecto que nos demos conta de que não é possível a separação dos significados lexicais e gramaticais: os conteúdos comunicativos, numa frase declarativa, informam coisas, acontecimentos, atitudes, etc. Os conteúdos proposicionais e a atitude que é assumida perante esses conteúdos são construídos com as palavras e com a combinação frásica* (VILELA; KOCH, 2001, p. 303, grifo nosso).

Também aqui no espaço da frase, nota-se uma referência, ainda que fortuita, de um dos aspectos da conversação como elemento integrante (ou possível) da frase. Dizem os autores:

*As fórmulas e clichês usados na língua para a ênfatização não se limitam apenas a reforçar os elementos nucleares ou os estados de coisas de seu conjunto. As chamadas partículas conversacionais apontam para intensificar conteúdos de maneira dada direção* (VILELA; KOCH, 2001, p. 310, grifo nosso).

Nesses pontos, é possível dizer que a presença de Ingedore Koch se faz sentir na parte “mais gramatical” da obra. O papel fundamental que ela desempenha no contexto da *Gramática*, como será mostrado adiante, é o de introduzir o conhecimento sobre as teorias do texto/discurso, na terceira parte.

À guisa de fechamento dos comentários sobre os capítulos que tratam da gramática da palavra e da frase, lembramos que ambos são predominantemente doutrinários, ou, em outros termos, são descritivos, e não normativos. Os exemplos são (quase) todos forjados pelo(s) autor(es) para exemplificar a doutrina. Em raros pontos, evidencia-se algum cuidado com a diferença de variedades

<sup>8</sup> Se, na visão do(s) autor(es), de um lado, há a inscrição mais estruturalista, de outro há uma pegada discursiva. Do lado discursivo, a diferença conceitual entre frase e enunciado remonta à lição de Ducrot (1987, p. 164), que diz: “O que eu chamo ‘frase’ é um objeto teórico, entendendo por isso, que ele não pertence, para o linguista, ao domínio do observável, mas constitui uma invenção desta ciência particular que é a gramática. O que o linguista pode tomar como observável é o enunciado, considerado como a manifestação particular, como a ocorrência *hic et nunc* de uma frase”.

<sup>9</sup> Até essa altura da obra, verifica-se a opção pelo termo comunicação, e não interação, o que denota a ligação de, pelo menos, um dos autores, Vilela, à base teórica estruturalista.

linguísticas, europeia e brasileira, o que ocorre quando, por exemplo, o(s) autor(es) trata(m), discursivamente, o tempo verbal, relacionando-o à enunciação. Ao tratar(em) da “anterioridade” usa(m) exemplos como o seguinte, glosando o uso do português do Brasil (PB):

*Se eu encontrar o livro, devolvo-to / devolver-to-ei (Em PB: devolvo-o, devolvê-lo-ei, eu o devolvo).*

Muito mais poderia ser dito sobre essa parte da obra, não fosse o objetivo deste texto o de focalizar a contribuição de Ingedore Koch à teoria gramatical, pelo acréscimo do capítulo sobre texto/discurso, com ênfase para a Linguística Textual e a Análise da Conversação, dois campos da ciência da linguagem em que atua com majestade. Passemos, então, a analisar e comentar o papel de tal capítulo no corpo da gramática.

### GRAMÁTICA DO TEXTO/DISCURSO: A CONTRIBUIÇÃO DE INGEDORE KOCH

Passamos a mostrar como Ingedore e Vilela valorizaram a teoria gramatical levando para dentro desse instrumento novas ideias sobre a linguagem, com intuito de guarnecer o usuário de condições para que compreenda o funcionamento da linguagem.

A novidade da obra em questão é, mais do que todos os pontos acima comentados, a inclusão da terceira parte, denominada “**3** Gramática do Texto: da gramática da palavra/frase para a gramática do texto/discurso”, estudo que, embora não textualmente declarado, ficou ao encargo da professora Ingedore Koch. O percurso científico dessa autora é logo observável pelos temas desenvolvidos na sequência dos capítulos, sobre os quais tem extensa bibliografia publicada: **3.1** Linguagem e ação (p. 413); **3.2** Teorias do texto e do discurso (p. 426); **3.3** O conceito de texto (p. 452); **3.4** Processos de construção textual (p. 464); **3.5** Gêneros e sequências textuais (p. 534); **3.6** A coerência textual (p. 553).

A análise historiográfica da obra em questão é facilitada, já que as referências da autora são, quase todas, indexadas. Pela verificação dos autores referenciados e dos comentários da autora às teorias que vai arrolando enquanto constrói seu texto, revela sua formação e seu *horizonte de retrospectção*.

Talvez pela novidade da introdução do tema no corpo da gramática, a autora procede a uma revisão da literatura de cada um dos temas sobre os quais fala. O ponto de partida é o comentário sobre a fundação da “Linguística Moderna” pelo estruturalismo saussuriano e suas dicotomias fundamentais, passando, depois, por Chomsky. Desse ponto, a autora vai mostrando que as ciências da linguagem, num movimento constante e ascendente, alcançam a semântica e desta passam para criação de teorias, formuladas por filósofos, sociólogos e linguistas, que trataram a linguagem como *atividade*. Assim, diz Koch:

*É nesse momento que se criam as condições propícias para o surgimento de uma linguística do texto/discurso, ou seja, uma linguística que se ocupa das manifestações linguísticas produzidas pelos falantes de uma língua em situações concretas, sob determinadas condições de produção. [...] Torna-se, pois, necessário ultrapassar o nível da descrição frasal, para tomar como objeto de estudo combinações de frases, sequências textuais e textos inteiros. Tem-se por objetivo descrever a interação humana por meio da linguagem verbal, a capacidade que tem o ser humano de interagir socialmente por meio de uma língua,*

*das mais diversas formas e com os mais diversos propósitos e resultados* (VILELA; KOCH, 2001, p. 412).

Dessas palavras conclui-se que mudam tanto o objeto a ser estudado (que passa a ser a interação humana permeada pelo discurso/texto, e não somente a língua) quanto o ponto de vista do observador que visa explicar a linguagem materializada no texto, resultante de todo o processo discursivo. Para atingir seu objetivo, e, também, para familiarizar o leitor não proficiente em tais assuntos, a autora se vê obrigada a passar em revista as principais teorias que dão conta dessa “visão da linguagem como ação *intersubjetiva*” (VILELA; KOCH, 2001, p. 413).

Koch passa, então, a expor os pontos capitais da teoria da enunciação. Vêm à tona os conceitos de frase/enunciado e sentença, para puxar a diferença fundamental entre enunciado e enunciação. Daí vêm os ícones dessa teoria, Bakhtin, na Rússia, e Benveniste, na França, para que fique estabelecida a relação entre o discurso e a gramática. É de Benveniste a teorização discursiva sobre os sistemas pronominal e verbal francês, que, por extensão, explicam o sistema verbal português<sup>10</sup>.

Para mostrar ao leitor da gramática a relação da linguagem com as ações dos homens, Koch apresenta a *Teoria dos atos de fala*, resultante de estudos de filosofia da linguagem que depois foi incorporada pela Linguística Pragmática. Pela explicação dos tipos de ato e de sua relação com a situação dos interactantes, o leitor deve entender o sentido da linguagem em função. Rápidas resenhas são feitas, também, sobre as teorias da “atividade verbal”, a “pragmática conversacional de Grice”, até que a autora chega às teorias do texto/discurso.

Dentre as teorias do texto/discurso, a autora trata da Análise do Discurso, Análise da Conversação e Linguística Textual, com destaque para essas duas últimas, das quais se ocupa até o final da obra (VILELA; KOCH, 2001, p. 430-560). Pelo que se observa, são essas duas as teorias que “cabem” melhor na gramática, pela possibilidade de, incorporando conceitos tanto da Linguística Pragmática quanto da Análise do Discurso, tratar do texto com mais propriedade e precisão, isto é, com possibilidade de explicar pelo produto (o texto) o processo (o discurso) e vice-versa, ou seja, pelo discurso, pelas condições de produção, explicar o texto.

A introdução e fixação dessas teorias no cenário acadêmico-científico brasileiro é devida, também e principalmente, a Ingedore Koch e a Luiz Antônio Marcuschi, como já dito em Bentes e Leite (2010). Koch, em parceria com Marcuschi, trouxe da Alemanha, e os traduziu, no começo dos anos 80 do século XX, os textos fundadores dessas duas teorias, o que permitiu aos linguistas brasileiros conhecerem e produzirem trabalhos na área.

A explanação sobre a conversação recobre tanto os conceitos de conversação *vs.* diálogo *vs.* negociação quanto os de unidades conversacionais e elementos da análise conversacional. A teoria é acompanhada de exemplos que, embora retirados de conversações, aparecem como forjados pela autora, já que descontextualizados, nessa parte da obra.

A teoria da Análise da Conversação cede lugar à da Linguística Textual, apresentada, primeiro, pelo comentário dos principais acontecimentos históricos,

10 Também Fiorin (1996) e Azeredo (2008) estudaram esses sistemas, com base na teoria da enunciação de E. Benveniste (1988, 1989).

para, em seguida, ser retomada pela apresentação e discussão de alguns dos principais conceitos. O ponto de partida é a explicação dos conceitos de texto e discurso, com base nos quais a autora diferencia texto escrito e texto falado, texto e contexto, contexto sociocognitivo. Em seguida, Koch distingue as estratégias cognitivas e interacionais, com as quais encerra a primeira a parte dos comentários sobre os principais conceitos ligados aos de texto e discurso.

A parte mais operacional da gramática de texto começa com a apresentação e explicação dos processos de construção textual. Pela natureza do tema, a autora tem oportunidade de exemplificar com extratos de textos os processos dos quais trata, o que se torna mais dinâmico e claro para um leitor não habituado com a leitura de teorias linguísticas.

Além disso, o capítulo dedicado à apresentação da coesão textual dá lugar à exploração de aspectos gramaticais e estilísticos, aliados aos discursivos. Assim, a autora explora, primeiro, a coesão referencial, apresentando exemplos forjados, as formas remissivas (artigos, pronomes adjetivos e substantivos, numerais, advérbios pronominais), formas verbais remissivas (pró-formas), formas lexicais remissivas, nominalizações e outras formas remissivas. Depois, na exposição sobre a coesão sequencial, engloba uma multiplicidade de fatores, quer lexicais, gramaticais e sintáticos, quer semânticos, argumentativos e lógicos. Por último, explora a estrutura informacional do texto, pela articulação do dado e do novo. Observa-se que, para esse estudo, a autora recorre, também, além dos exemplos forjados, aos textos reais ou autênticos, especialmente aos falados, transcritos pelo Projeto NURC (São Paulo, Recife, Salvador e Rio de Janeiro).

A essa altura da obra, ao tratar de Linguística Textual, a autora traz de volta a Análise da Conversação, não somente pela exploração dos fragmentos de textos falados, mas também pela demonstração da teoria, na língua em função. Por exemplo, ao falar dos procedimentos linguísticos que o falante opera para tematizar sua conversa, a autora cita, dentre muitos outros, o deslocamento à esquerda do sujeito e dá o seguinte exemplo: “[...] a *glândula mamária*... como vocês estão vendo... *ela* representa a forma de uma semiesfera... de uma semiesfera [...]” (NURC/SSA-EF 049, p. 41-42). E, assim, muitos outros fenômenos são descritos e exemplificados por extratos de textos orais, falados.

O texto falado volta a ser objeto de estudo quando a autora, no âmbito da Linguística Textual, trata da estrutura do texto. Entram, então, na (e para a) gramática, como objeto de estudo e atenção, trazendo estruturas textuais antes não consideradas como “dignas” de serem estudadas.

A autora encerra o capítulo com o estudo sobre gêneros e sequências textuais, com base no que diz Bakhtin (2003 [1979]) e pela leitura que dele fazem outros linguistas, como Bronckart (1996), Schneuwly e Dolz (1997) e Adam (1992). Esse tema no final do capítulo é pertinente porque, além de retomar pontos antes apresentados, organiza o assunto, ao possibilitar ao leitor compreender que, no fim e ao cabo, tudo é normativo, porque socialmente estabelecido.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Depois desse apanhado geral sobre alguns dos principais pontos da teorização de Vilela e Koch na *Gramática da língua portuguesa*: gramática da palavra, gramática da frase, gramática do texto/discurso, é possível dizer que a justificativa para a introdução do discurso e do texto na gramática é a constante busca

do cientista pela melhor resposta para a pergunta: como se forma o sentido, pela linguagem?

Para responder a isso, o cientista tem de ultrapassar os limites impostos por gerações anteriores. Isso é o que vemos quando estudamos diferentes sistemas de conhecimentos sobre a linguagem, construídos desde as primeiras reflexões sobre a linguagem: dos filósofos gregos, fizeram-se indagações sobre a natureza da linguagem, a sua relação com a verdade e a virtude e também a relação com a realidade, o discurso, a enunciação, a significação (estoicos); dos filólogos-gramáticos da biblioteca de Alexandria, a sistematização da linguagem dos pergaminhos; dos gramáticos gregos, a classificação das partes do discurso; dos romanos da antiguidade, a ampliação e o refinamento da teoria grega, na aplicação ao latim; aos povos europeus do final da Idade Média e início da Idade Moderna, a gramatização dos vernáculos, e, depois disso, a elaboração constante de teorias capazes de explicar a língua e a linguagem, até os dias atuais: do universalismo, para a gramática geral e racional (a gramática filosófica, como chamada em Portugal e no Brasil), o comparativismo, o cientificismo (baseado no naturalismo), o historicismo, o estruturalismo, o gerativismo (da gramática da frase para a de texto), o variacionismo, o funcionalismo, que proporcionaram a formação das teorias do discurso e do texto, como há hoje. Assim, vê-se que a obra de Koch e Vilela se encaixa nessa corrente histórica das obras que fazem história pela apresentação de uma proposta de renovação teórico-metodológica no campo da gramática.

O capítulo escrito por Koch tem características de uma “obra de passagem”, encaixada no todo da *Gramática*. A retrospectiva teórica feita por ela, para mostrar por que trataria de texto/discurso, dá conta disso. Como a formação do sentido pela linguagem não foi explicada pelos recursos teóricos da gramática da palavra e da frase, nem mesmo da gramática do texto, voltada unicamente para a linguagem verbal, foi imperioso que os estudiosos e cientistas da linguagem (filósofos, linguistas, sociólogos, psicólogos, psiquiatras etc.), como demonstra Koch em sua retrospectiva, ampliassem seu âmbito de observação e buscassem respostas no contexto, na situação social, nos processos cognitivos e no funcionamento social. De todo esse conglomerado, como a exposição feita pela autora revela, resultam as teorias do discurso e do texto com as quais operamos hoje.

A insuficiência de respostas sobre o funcionamento da linguagem e a formação do sentido realizado por meio da “linguagem verbal em função” é a causa da constante renovação teórica nesse domínio. A Linguística Textual e a Análise da Conversação, com as quais Koch trabalha na *Gramática*, são teorias que trazem, por acumulação, marcas do conhecimento construído no domínio da linguagem, porque têm o texto como objeto de estudo. Isso significa que, diferentemente do trabalho linguístico proposto pela gramática de base greco-latina, o ponto de partida para a investigação sobre a formação do sentido é o todo, o texto na sua relação com o discurso. O ponto de chegada é a compreensão do sentido formado pelo texto/discurso, e não a frase nem a palavra.

Todas essas ideias, fartamente conhecidas pelos linguistas, começaram a ter repercussão também no mundo dos manuais de gramática, que também têm objetivo de explicar a linguagem, seu funcionamento e sentido. A *Gramática* de Vilela e Koch comprova esse fato.

**A TWENTY-FIRST CENTURY GRAMMAR**

**Abstract:** *Bases on own pre-assumptions of the study of the history of linguistic ideas, this paper takes a close look on the Portuguese Language Grammar: word Grammar, phrase Grammar, and text/discourse Grammar, by Vilela and Koch (2001), addressing it as a cultural object, resulting from a history which both conditions it and allows such interpretation. The study is divided into three parts: the first one places the object in its retrospection horizon in order to find the causes conditioning it and explain the presence of text and discourse theories present in Grammar; the second one presents such work; and the third one addresses the role of both Textual Linguistics and Conversation Analysis in the work's context.*

**Keywords:** *Grammar. History of linguistic ideas. Grammatization.*

**REFERÊNCIAS**

- ADAM, J. M. *Les textes: types et prototypes*. Paris: Nathan Université, 1992.
- AUROUX, S. Histoire des sciences et entropie des systèmes scientifiques. Les horizons de retrospection. In: SCHMITTER, P. (Ed.). *Geschichte der sprachtheorie. 1. Zur theorie und methode der geschichtsschreibung der linguistik*. Tübingen: Gunter Narr Verlag, 1987.
- AUROUX, S. *La raison, le langage et les normes*. Paris: PUF, 1998.
- AUROUX, S. *La question de l'origine des langues, suivi de l'historicité des sciences*. Paris: PUF, 2007.
- AZEREDO, J. C. de. *Gramática Houaiss da língua portuguesa*. 2. ed. São Paulo: Publifolha, 2008.
- BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. 4. ed. Tradução Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2003 [1979].
- BECHARA, E. *Moderna gramática brasileira*. 37. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 1999.
- BENTES, A. C.; LEITE, M. Q. *Linguística de texto e análise da conversação*. São Paulo: Cortez, 2010.
- BENVENISTE, E. *Problemas de linguística geral I*. Tradução Eduardo Guimarães. Campinas: Pontes, 1988.
- BENVENISTE, E. *Problemas de linguística geral II*. Tradução Eduardo Guimarães. Campinas: Pontes, 1988/1989.
- BRONCKART, J.-P. Genres de textes, types de discours et opérations psycholinguistiques. *Enjeux*, p. 31-48, 1996.
- CAMARA JUNIOR, J. M. *Dicionário de linguística e gramática – referente à língua portuguesa*. Petrópolis: Vozes, 1986.
- COLOMBAT, B.; FOURNIER, J.-M.; PUECH, C. *Histoires des idées sur le langage et les langues*. Paris: Klincksieck, 2010.
- CUNHA, C.; CINTRA, L. *Nova gramática do português contemporâneo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

- DUBOIS, J. et al. *Dicionário de linguística*. 2. ed. São Paulo: Cultrix, 1986.
- DUCROT, O. *O dizer e o dito*. Tradução Eduardo Guimarães. Campinas: Pontes, 1987.
- FIORIN, J. L. *As astúcias da enunciação*. As categorias de pessoa, espaço e tempo. São Paulo: Ática, 1996.
- LEITE, M. Q. *O nascimento da gramática portuguesa: uso e norma*. São Paulo: Humanitas, Paulistana, 2007.
- PUECH, C. Pour une histoire de la linguistique dans l'histoire de la linguistique? *Histoire Épistémologie Langage* (HEL), v. 28, n. 1, p. 9-24, 2006.
- SCHNEUWLY, B.; DOLZ, J. Les genres scolaires. Des pratiques langagières aux objets d'enseignement. *Repères*, v. 15, p. 27-40, 1997.
- VILELA, M.; KOCH, I. V. *Gramática da língua portuguesa: gramática da palavra, gramática da frase, gramática do texto/discurso*. Porto: Almedina, 2001.

Recebido em fevereiro de 2014.

Aprovado em março de 2014.